

" S U A E X C E L Ê N C I A "

=====

Original de:

LUÍS DE SPTAU MONTEIRO



20.7.1971
JORGE SANTOS

7

P E R S O N A G E N S

Iº. A C T O

(Sentados os espectadores, o empresário chega à boca de cena, vindo do palco, sem que o pano suba e pede silêncio num gesto largo. Deve seguir-se a praxe habitual nestas circunstâncias: o empresário deve estar iluminado de frente e deve sorrir, como convém a uma pessoas que se encontra na presença de espectadores que pagaram para ver e que vão ouvir um discurso. Deve, o empresário, portanto, fazer-se valer de todos os truques das profissões relacionadas com a "prostituição do charme". Os seus gestos devem ser abertos e sinceros, o seu tom acariciador e mavioso e a sua expressão franca e convincente. Vestuário: fato discreto, gravata ligeiramente ousada. (Para dar ao ambiente um ar de festa, talvez uma flor na lapela...)

Atendendo a que esta peça se destina a ser representada pela primeira vez no Teatro Maria Matos, cujo empresário é o Igrejas Caeiro, passamos a referi-lo pelo seu próprio nome, não apenas para evitar confusões, mas para poupar o autor que, bem vistas as coisas é quem mais trabalha num teatro e quem menos ganha com ele.

Reduzidos a silêncio todos os espectadores, mesmo os mais recalcitrantes, o empresário dá início ao espectáculo.)

CAEIRO

Tenho a maior pena que o espectáculo não comece já - sei bem que vieram cá para ver uma peça e não para me ouvir - mas vou-lhes pedir uns minutos de atenção para uma brevíssima cerimónia que vai ter lugar neste palco e que muito lisonjeia a Companhia do Teatro Maria Matos e o seu empresário. Como viram nos jornais da tarde, desembarcou esta manhã no aeroporto de Lisboa o senhor Comendador Afrânio Reboredo, uma das figuras de maior relevo da vida portuguesa contemporânea e uma das pessoas a quem todos mais devemos, tanto no plano cultural, como no plano das relações Luso - Brasileiras. E já agora aproveito para lembrar que, havendo tantos homens endinheirados neste País, haja tão poucos dispostos a seguir os passos do Comendador Afrânio Reboredo que, num gesto de rara beleza, dotou de teatros e de museus as cidades de Vila Alegre, de Porto Tranquilo e de São Pedro, todos do estado de Juanabar. Não quero enumerar a lista dos gestos exemplares deste homem excepcional até porque - repito - vieram aqui para ver um espectáculo e não para me ouvir, mas é tão raro um grande

industrial compreender que a vida não é só montar fábricas sobre fábricas, que mal ficaria com a minha consciência se lhes não recordasse que sem o Comendador Afrânio Reboredo não existiria o museu do Nordeste Brasileiro e o do Rio Grande do Centro.

Muitos estarão já a perguntar o que é que isto tem a ver com o teatro Maria Matos ou comigo.

A explicação é simples e muito honrosa para este teatro, para mim, para a minha companhia e - porque não dizê-lo? - para todos os presentes. O senhor Comendador desembarcou hoje, vindo do Rio de Janeiro e segue amanhã de manhã para Paris onde vai, segundo todos tivemos ocasião de ler nos jornais, assinar um contrato que lhe permitirá produzir, motores para tractores agrícolas. Velhos amigos que somos - num momento difícil deste teatro, o senhor Comendador telefonou-me do país irmão para saber se eu precisava de apoio financeiro - quiz passar no Maria Matos a única noite de que dispõe em Portugal. Para nós é uma honra que não vale a pena explicar, tanto mais - e aqui é que está a notícia, a grande notícia que tenho para vos dar - que tendo sido resolvido agraciá-lo com a grande Ordem do Mérito, o Teatro Maria Matos foi escolhido para local dessa mais do que merecida cerimónia!

SOBE O PANO

(A Companhia encontra-se no palco estando os actores dispostos em linha, felizes e sorridentes por terem ocasião de participar nesta cerimónia. CAEIRO olha para o relógio e continua)

Dentro de instantes, o senhor Comendador vai ser agraciado neste palco com a Grande Ordem de Mérito, mas antes disso a Companhia do Teatro Maria Matos vai prestar-lhe uma singela homenagem e digo "singela por que não tivemos tempo para organizar a que lhe devemos. Trata-se duma homenagem muito simples, tão simples que é mais um agradecimento de família que uma homenagem propriamente dita. Em nome da grande família do Teatro Português, representada aqui pelo teatro Maria Matos, quero abraçar Afrânio Reboredo!

(Começa a descer do palco para a coxia central sem parar de falar.)

Trata-se, repito, dum gesto modesto mas profundamente sincero de reconhecimento e de carinho. Nós, a gente de teatro, teremos todos os

defeitos que nos apontam, mas não nos falta gratidão...

(Já na sala dirigindo-se ao Comendador que está sentado junto de sua esposa.)

Senhor Comendador: queremos assinalar a sua presença neste teatro o facto de ele ter sido escolhido para a cerimónia que vai ter lugar.

Nós, autores, actores, gente de teatro, não podemos conceder medalhas, mas não deixamos, por isso, de louvar quem merece louvor e de homenagear quem merece o nosso respeito e o nosso amor.

Resolvemos fixar nesta parede uma lápide comemorativa desta noite, - desta grande noite - para todos nós gente de teatro e espectadores. Senhor Comendador...

(Abre os braços)

Todos os portugueses o abraçam por meu intermédio!

(O Comendador levanta-se e abraça CAEIRO, comovidamente. Os ACTORES em cena rompem a bater palmas, provocando as palmas dos espectadores e descem à sala rodeando CAEIRO que avança até junto da lápide, e seguido pelo COMENDADOR, pela sua ESPOSA e pela COMPANHIA)

Esta homenagem não é só nossa, senhor Comendador, porque para conseguir gravar esta lápide a tempo de a ter aqui neste momento foi preciso recorrer à boa vontade e à compreensão de cinco operários que não almoçaram nem jantaram para que isto fosse possível.

(Tirando um papel do bolso.)

Estes operários estão aqui presentes a quanto mais não seja porque representam o povo, esse povo que o senhor Comendador tanto ama e que nós servimos, vou ler os seus nomes:

(Olhando para o segundo balcão)

Umberto Costa, Pedro Manuel, Albertino de Jesus Alheio, Amadeu Ferreira e Américo Nunes.

(Sempre olhando para o segundo balcão, bate as palmas seguido da Companhia. Depois dirige-se à mulher do Comendador.)

Quererá vossa excelência, senhora dona Guilhermina, descerrar esta lápide...

D. HERMÍNIA

Hermínia, Hermínia...

CAEIRO

Tenho a maior pena de ter feito esta gaffe, mas se me não engano os jornais dizem que vossa excelência se chama Guilhermina...

D. HERMÍNIA

Meu marido já tinha notado... Mas eu me chamo Hermínia. Minha bisavó, que era portuguesa, se chamava Hermínia.

CAEIRO

E não há nome mais bonito, mais português! Vossa excelência é, então, descendente de portugueses?

D. HERMÍNIA

(Em tom de graça de salão)

Descendente e ascendente, porque meus filhos são todos portugueses. Olha que somos tão portugueses que para as festas dos baptizados deles importamos bola de Trás-os-Montes.

CAEIRO

Se soubessemos que gostava tanto de bola de Trás-os-Montes, tínhamos mandado vir uma para celebrar esta data...

D. HERMÍNIA

(Sorridente)

Não. Jantei muito bem num restaurante português e agora prefiro descerrar esta lápide e descerrar uma bola.

(Todos riem e CAEIRO bate palmas seguido da Companhia)

CAEIRO

Nesse caso, vamos à lápide...?

(Entrega-lhe a ponta do pano que esconde a lápide e D.HERMÍNIA descerra-a. A Companhia rompe novamente a bater palmas e CAEIRO, feito mestre de cerimónia, como que os impõe para o palco e que sobem animadamente. Já no palco a IRENE surge da D.B. com um grande ramo de flores e dirige-se a D.HERMÍNIA.)

IRENE

Senhora dona Guilhermina...

D. HERMÍNIA

Hermínia, Hermínia...

(Para CAEIRO)

Não vamos ter outra discussão, não?

CAEIRO

(Explicando a IRENE)

Ouve um lapso jornalístico... a esposa do senhor Comendador chama-se Hermínia...